

# João Pessoa - Número Seis - Março de 2004

## Questões teóricas e metodológicas: a abordagem Cultura Popular/ Folclore

**Cleomar Felipe Cabral**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
da Universidade Federal da Paraíba.

Foi através das pesquisas "Literatura e memória cultural: fontes para o estudo da oralidade" e "Laços de família: outras memórias e registros da cultura popular brasileira", coordenadas pela Profª Dra. Maria Ignez Novais Ayala e co-orientadas pelo Prof. Dr. Marcos Ayala, financiadas pelo PIBIC/ CNPq, que pude iniciar uma pesquisa com os moradores e ex-moradores de Tambaú.

Atualmente, estou desenvolvendo um estudo intitulado "Meu tempo, meu lugar: a festa na memória dos antigos moradores de Tambaú", no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Nesse trabalho busco (re)construir a história cultural e social dessa região, tentando compreender como o passado é lembrado hoje, na visão dos moradores e ex-moradores que participavam das brincadeiras populares em Tambaú, enfocando as transformações sofridas pelo bairro e, mais especificamente, como estas transformações afetaram a cultura e a vida dos antigos moradores.

Não penso cultura popular como folclore, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções consideradas "tradicionais", nem como resíduos da cultura culta de outras épocas, nem tampouco como uma coisa do passado que se mantém no presente. Conforme Arantes (1988: 17-18), "*pensar a cultura popular como sinônimo de 'tradição' é reafirmar constantemente a idéia de que a sua Idade de Ouro deu-se no passado, nesse caso as modificações por que passaram esses objetos, concepções e práticas são compreendidas como deturpadoras ou empobrecedoras*".

Sendo assim, compreendo a cultura popular como parte integrante da dinâmica do processo social, em que a sua "*enunciação propõe uma cultura diferenciada em relação a outras formas de cultura presentes e atuantes*" (cultura erudita e cultura de massa), e também uma cultura possuidora de permanente capacidade de renovação e reelaboração (Xidieh, 1976: 5). É uma cultura "*criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo' e da vida toda específica, que se contrapõe à 'concepção de mundo hegemônica'*" (Gramsci, 1968: 184).

Não pretendo, neste estudo, discutir conceitos sobre a cultura popular, nem dar-lhe uma definição elaborada e suficiente ou contextualizar historicamente os

estudos realizados sobre as culturas populares<sup>1</sup>. No entanto, procuro trilhar meu caminho seguindo a forma de pensar e de se fazer pesquisa desses estudiosos que entendem a cultura popular como uma forma de cultura específica que está inserida, com outras formas de cultura, na dinâmica do processo social.

A principal diferença existente entre os trabalhos sobre cultura popular está relacionada às visões distintas dos seus estudiosos, que conseqüentemente atingem nos procedimentos metodológicos a serem utilizados. Conforme Maria Ignez N. Ayala e Marcos Ayala (1987: 19), *"estes estudos apresentam-se alicerçados em concepções teóricas que, por sua vez, impõem procedimentos metodológicos reveladores de interesses contrastantes, tendendo ora para uma posição conservadora, ora, em menor número, para uma perspectiva mais crítica na exposição e interpretação dos dados"*.

A perspectiva conservadora tende a cristalizar as manifestações culturais, dissociando-as de seu contexto social e de quem as produz.

A outra vertente, mais relacionada à Antropologia Cultural, na qual pretendo desenvolver este trabalho, *"procura estabelecer relações entre as manifestações e outros elementos sociais e culturais que, direta ou indiretamente participam de um 'processo' em constante transformação"* (Fonsêca, 1999: 11). Nessa perspectiva, as principais contribuições vêm dos estudos de Antonio Gramsci, Oswaldo Elias Xidieh, Alfredo Bosi, Antonio Augusto Arantes, Nestor García Canclini, Maria Ignez Novais Ayala, Marcos Ayala, entre outros que aparecerão ao longo desse trabalho.

Atualmente, é quase consenso entre os estudiosos das manifestações populares considerar cultura popular e folclore como sinônimos<sup>2</sup>. Entretanto, prefiro utilizar a expressão cultura popular, pois estaria mais próxima de ser entendida como cultura do povo, como ela realmente é. Entendo como povo "o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente"(Gramsci, 1968: 184).

Como podemos observar, minhas abordagens sobre cultura popular partem das observações gramscianas sobre o folclore, expressão mais comumente utilizada por Gramsci (1968: 184 -185), que a compreende *"como um reflexo das condições de vida cultural do povo"*. Gramsci encara o folclore enquanto *"(...) 'concepção do mundo e da vida', em grande medida implícita, de determinados estratos, (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções do mundo 'oficiais'"*.

Nesse caso, o autor aborda o assunto levando em consideração alguns aspectos que podem nos ajudar a compreender a sociedade brasileira, uma sociedade estratificada e heterogênea, em que há um confronto entre subalternos e hegemônicos. Em um dos estudos de Alfredo Bosi (1999: 7), intitulado *Plural, mas não caótico*, ele afirma que *"não existe uma cultura brasileira homogênea, (...) a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um 'efeito de sentido', resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço"*.

O que esse estudo vem acrescentar refere-se à questão do uso e do sentido do tempo, principal diferenciador entre as culturas. A cultura popular teria um tempo diferenciado das outras culturas existentes e atuantes, a cultura de massa e a cultura erudita. Na cultura popular, o tempo estaria relacionado aos ritmos "naturais": *"Tempo sazonal, tempo do lavrador, marcado pelas águas e pela seca. Tempo lunar: tempo das marés, tempo menstrual . Tempo do ciclo agrário, da sementeira à ceifa, com a pausa necessária ao repouso da terra"* (Bosi, 1999: 11).

Ela teria um tempo cíclico, e o seu fundamento estaria relacionado ao constante retorno.

Segundo E. P. Thompson (1998: 244), este tempo só é possível pela existência de *"uma armação mínima de comercialização e administração, e na qual as tarefas cotidianas (...) parecem revelar-se aos olhos do lavrador pela lógica da necessidade"*.

O autor afirma que:

*"A notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como 'orientação pelas tarefas. (...) É possível propor três pontos sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho regulado por horas. O camponês ou trabalhador parece ocupar-se do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre 'trabalho' e 'vida'. As relações sociais e o trabalho são misturados - o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa - e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o 'passar o dia'. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência."* (Thompson, 1998: 271-272).

A cultura de massa, por sua vez, possuiria um outro fundamento e um outro tempo, que estaria intrinsecamente relacionado à urgência da substituição com vistas ao consumo. De acordo com Bosi (1999: 8 - 9), nessa cultura aparece um tempo cultural acelerado: *"o imperativo categórico desse tempo social é o da substituição ininterrupta de signos (...), e a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial"*.

A cultura erudita teria o tempo ligado a dois modelos de formação simbólica: o ciclo e a série, possuindo em seu cerne dois princípios básicos, a liberdade e a universalidade. No entanto, para Bosi (1999: 14), *"o que singulariza a cultura 'superior' é a possibilidade que ela tem de avaliar a si mesma; em última instância; é a sua autoconsciência. (...) O seu ritmo supõe o movimento da consciência histórica"*.

Logo no início do estudo intitulado *Cultura popular*, Xidieh relata sua preocupação devido à confusão, feita por algumas pessoas, ao tratar cultura de massa e cultura popular como sinônimas. O que é ressaltado pelo autor, para desfazer essa confusão, é que se pode diferenciá-las pela fonte produtora: a cultura de massa é produzida pelos grupos sociais dominantes e *"(...) qual dose 'elementos' culturais para uso e consumo imediato da infra e média camadas da estratificação social"*. Tendo como objetivo a *"(...) substituição de valores 'populares autênticos' por valores de nivelção, em escala, propostos em vista da manutenção dessa mesma estrutura "* (Xidieh, 1976: 1-3).

Já a cultura popular *"é definida como aquela (...) criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura 'erudita', porém, mantendo sua identidade"* (Xidieh, 1976: 3) . Em outras palavras, a cultura popular possui um sistema específico, que em consonância com outros, forma um sistema cultural mais geral.

Para entender a cultura popular, conforme Xidieh, se faz necessário salientar as relações de conflito e dominação entre os grupos sociais - ela só se torna compreensível quando considerada em oposição à cultura erudita e cultura de massa. Seguindo a mesma linha, García Canclini estuda as manifestações culturais populares inseridas em um contexto sócio-cultural e passando por contrastes sociais no capitalismo e pelo confronto entre as culturas hegemônicas e subalternas. Para ele, *"as culturas populares (termo que achamos mais adequado do que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnias por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida"* (García Canclini, 1982: 42).

Além de focar a heterogeneidade da cultura popular, já presente em Gramsci (1968: 190), o autor percebe que toda produção cultural surge a partir das condições materiais de vida. Nas classes populares *"(...) as festas estão ligadas de modo mais estreito e cotidiano ao trabalho material ao qual se entregam quase todo tempo"* (García Canclini, 1982: 42).

Compreende-se, dessa forma, que o povo, ao se apropriar de forma diferenciada e desigual do que a sociedade possui, através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos, produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais.

Para sintetizar os elementos importantes que permeiam a cultura popular, ressaltadas por esses autores, Marcos Ayala (1987: 25) em seu texto, *Cultura popular ou folclore*, enfoca

*"a cultura popular (para outros, o folclore) como processo de **produção cultural**, que envolve (...) a organização e os componentes materiais necessários a sua elaboração e difusão. Ao mesmo tempo, como forma específica de cultura, inserida, juntamente com as demais, em uma complexa dinâmica cultural, parte integrante, por sua vez, de uma estrutura social fundada na desigualdade e no conflito - econômico, político, cultural."*<sup>3</sup>

Esta concepção de cultura popular destaca, sobretudo, o confronto entre as atividades culturais populares e as tendências homogeneizadoras das esferas política, econômica, e da produção cultural que atendem aos interesses dos dominantes. Não esquecendo do seu caráter social, com um tempo e um espaço determinado, e por isso sujeito à transformação.

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural*. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1978, p. 287-295.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Col. "Primeiros Passos", vol. 36).
- AYALA, Marcos. *Cultura popular ou folclore: apontamentos para uma análise ideológica. Política & Trabalho*, João Pessoa, mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, n. 5, abr. 1987.
- AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.
- AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais (orgs.). **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000.
- AYALA, Maria Ignez Novais. *Os Cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX*. In: AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais (orgs.). **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000, p. 21-46.

- BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Col. "Primeiros Passos", vol. 60).
- CHAUÍ, Marilena. *O discurso competente*. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982, p.3-13.
- FONSÊCA, Ana Claudia Mafra da. **O verso e a rua: vozes da poesia popular na cidade de Currais Novos -RN**. João Pessoa: UFPB, 1999.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p.3-23.
- \_\_\_\_\_. *Observações sobre o folclore*. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e vida nacional**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p.183-190.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.
- HOBBSAWM, Eric J. & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.09-23.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LE GOFF, Jaques. *Memória*. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.423-477.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *História de vida e depoimentos pessoais*. **Revista de Sociologia**, São Paulo, Universidade de São Paulo, vol. XV, n. 1, mar. 1953, p.8-24.
- SAMPAIO, Henrique J. P. *Tradição e experiência: o coco em duas comunidades de pescadores*. In.: AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais (orgs.). **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000, p. 63-82.
- SANTOS, Carmelita Salomé. **Cultura popular à beira-mar: festas e memória na comunidade da Penha**. João Pessoa: UFPB, 2000.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMPSON, E. P. *Tempo disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.
- \_\_\_\_\_. *Patrícios e plebeus*. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 25-47.
- TOENNEIS, Ferdinand. **Comunidade e sociedade**. Tradução de Orlando de Miranda. São Paulo: [s/ed.], 1991, p.231-297.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- XIDIEH, Oswaldo Elias *et al.* **Catálogo da Feira Nacional da Cultura Popular**. São Paulo: SESC, 1976.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo**. Rio de Janeiro: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1993, p.11-35.

## Notas

- 1) Sobre essas discussões ver Arantes (1986), Ayala & Ayala (1987) e Ayala (1987).
- 2) Ver também Xidieh (1976).
- 3) Grifos do autor.

Copyright© 2000  
DCS - CCHLA - UFPb

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma cópia dos textos aqui publicados pode ser distribuída eletronicamente, em todo ou em parte, sem a permissão restrita da revista **CAOS**. Este modo revolucionário de publicação depende da confiança mútua entre o usuário e o editor. O conteúdo dos textos aqui publicados é de inteira responsabilidade de seus autores.

**[Página Inicial](#) | [UFPb](#) | [CCHLA](#)**  
**[Números Anteriores](#) | [Links](#) | [Normas para Publicação](#) | [Contate-nos!!!](#)**